

CORPO D'ÁGUA

Lorena Goulart Zanetti

Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

ORCID:

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40508

235

Resumo:

Este trabalho apresenta a foto-performance “Corpo D’Água”, resultado de uma pesquisa autobiográfica de uma artista autista diagnosticada na vida adulta. A obra explora a experiência sensorial da hipersensibilidade auditiva (hiperacusia) por meio de um ritual de escuta, silêncio e reconexão corporal, realizado entre o oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos, em Rio Grande (RS). O gesto de tocar os cabelos e escutar a concha se transforma em metáfora de reorganização subjetiva, cuidado e criação, articulando corpo, emoção e percepção em um processo de autopercepção. Inspirada nas proposições de Lygia Clark, a performance evidencia o corpo como território de passagem, vulnerabilidade e potência, e o espaço autobiogeográfico como campo de experimentação artística. Corpo D’Água representa um corpo sensível e afetado, em estado líquido, dialogando com espiritualidade, território e identidade neurodivergente, evocando a força acolhedora de Yemanjá e uma travessia poética entre desmoronar e recomeçar.

Palavras-chave: autismo, performance, água, escuta sensorial, Yemanjá

Abstract

This work presents the photo-performance “Corpo D’Água,” the result of autobiographical research by an autistic artist diagnosed in adulthood. The work explores the sensory experience of auditory hypersensitivity (hyperacusis) through a ritual of listening, silence, and bodily reconnection, performed between the Atlantic Ocean and Lagoa dos Patos, in Rio Grande, RS. The gesture of touching the hair and listening to the seashell becomes a metaphor for subjective reorganization, care, and creation, articulating body, emotion, and perception in a process of self-perception. Inspired by the propositions of Lygia Clark, the performance highlights the body as a territory of passage, vulnerability, and power, and the autobiogeographical space as a field of artistic experimentation. Corpo D’Água represents a sensitive and affected body, in a liquid state, dialoguing with spirituality, territory, and neurodivergent identity, evoking the welcoming force of Yemanjá and a poetic journey between falling apart and beginning again.

Keywords: autism, performance, water, sensory listening, Yemanjá

CORPO TEXTO

A foto-performance evidencia um gesto de reorganização sensível, no qual corpo, emoção e escuta se entrelaçam em um processo de autopercepção. O toque nos cabelos, capturado pelo registro fotográfico, ultrapassa a dimensão íntima e revela um movimento performativo de reordenação interna e abertura a um novo começo. Esse gesto pode ser aproximado às proposições de Lygia Clark (2004), como em *A Casa é o Corpo* (1968), inspiração para este trabalho, onde o corpo se torna espaço de experimentação estética, trânsito entre interioridade e exterioridade, vulnerabilidade e potência.

A sequência foto-performance apresentada neste trabalho, nasce de um instante em que gesto e escuta se encontram, em um processo divergente e de singularização corporal da artista frui, quando o simples toque nos cabelos se converte em metáfora de um corpo em travessia. Entre o desmoronar e o recomeçar, a imagem revela camadas de reorganização invisível, onde emoções e sentidos se alinham como fragmentos que buscam nova forma. Nesse movimento, ressoam as proposições de Lygia Clark (2004), para quem o corpo é território de passagem e reinvenção, lugar em que a vulnerabilidade se transforma em potência e o íntimo se abre ao coletivo.

Esta concepção da foto-performance trata de um recorte da pesquisa de mestrado da autora, que sustenta em sua visualidade o caráter autobiográfico abordando a experiência de um corpo TEA feminino que encontra este quadro em tela desabrochado na vida adulta.

O trabalho teve origem em um ensaio realizado com a fotógrafa Jade Luzardo², inicialmente concebido para atualização de portfólio artístico.

¹ Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/>>. Acesso em: 3 set. 2025.

² Jade Luzardo é fotógrafa na cidade de Rio Grande e Pelotas, Rio Grande do Sul e expõe seu trabalho nos perfis @jadeluzardo e @ambar_estudio no Instagram. O ensaio deste trabalho foi realizado em junho de 2025.

Contudo, o registro do gesto de tocar os cabelos acabou por simbolizar um processo de reorganização subjetiva, envolvendo corpo, emoção e escuta. Nesse contexto, a hipersensibilidade auditiva (hiperacusia³) adquire centralidade, uma vez que, embora presente ao longo da trajetória, somente a partir da nomenclatura do processo, foi possível compreender suas implicações, momento em que a percepção de encaixe das peças coincidiu com a sensação de desestruturação interna e a necessidade de inaugurar um novo começo.

A metodologia de captura da foto-performance, neste trabalho, fundamenta-se nas Práticas Autobiogeográficas propostas por Rodrigues (2021), em que o lugar é compreendido como arranjo singular de histórias de autolocalização que, ao serem incorporadas ao fazer artístico, adquirem forma, materialidade e circulação. Nesse sentido, a noção de autobiogeografia (Rodrigues, 2021) opera como chave metodológica para situar o gesto performativo em diálogo com poéticas de (auto)localização, configurando o espaço autobiogeográfico como campo de experimentação e criação no âmbito das Artes Visuais assim como relata a autora no texto abaixo, conforme uma articulação de práticas decoloniais:

Portanto, ao enunciar o “aqui” por meio de uma prática e/ou escrita de vida que se constitui como ato autobiográfico crítico e situado, o sujeito da enunciação traz à tona identidades e subjetividades que contestam e rearticulam o “aqui” constantemente. Nesse processo, ao se tornar consciente de suas próprias singularidades auto- bio- geo- gráficas, o sujeito da experiência, da desaprendizagem e da criação transforma não apenas o conteúdo, mas também as condições nas quais se dão as conversas epistemológicas das quais decide participar. Reformula, assim, e constantemente, seus próprios lugares de enunciação e, conseqüentemente, transforma suas realidades e identidades ao transformar a percepção que tem de si e de suas diversas posições no mundo. (Rodrigues, 2017, p. 3154)

³ A hiperacusia é um transtorno auditivo caracterizado por uma sensibilidade anormal a sons de intensidade moderada, que são percebidos como excessivamente altos ou dolorosos. Trata-se de uma hipersensibilidade ao volume sonoro, frequentemente documentada como uma comorbidade em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Dessa forma, “Corpo d’Água” é como eu me sinto, representado visualmente. Um corpo que escuta demais, que carrega som e silêncio, que transborda. Um corpo ribeirinho, sensível, afetado, em estado líquido, entre o oceano da Praia do Cassino e o estuário da laguna Lagoa dos Patos⁴, onde eu cresci, em Rio Grande/RS. É nesse território que eu me sinto mais conectada com alguma coisa maior. A água, para mim, é espiritual: ela limpa, embala, guarda vozes antigas.

E quando eu escuto a concha, parece que tem uma mãe-mar me chamando. Eu penso em Yemanjá, essa força que acolhe, que leva embora o que pesa, e que devolve o que é pra ser nosso.

Já pensei, em tormenta, que fosse alguma “maldição” de filha de Yemanjá.

Mas hoje vejo que sou fluxo salobro, chamada, escuta.

A concha é meu telefone de sereia.

Ou sirena.

⁴ A Lagoa dos Patos é a maior lagoa do Brasil, localizada na região sul do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 10.360 km² de extensão. Trata-se de um ecossistema estuarino de grande relevância socioambiental, conectando rios, canais e áreas úmidas, e influenciando fortemente o clima, a pesca e a dinâmica econômica local. A cidade de Rio Grande, situada na extremidade sul da lagoa, desenvolveu-se historicamente em função de sua interface com este corpo hídrico, utilizando-o para atividades portuárias, transporte, pesca e recreação. A lagoa, portanto, não apenas configura a paisagem natural da região, mas também sustenta práticas culturais e econômicas centrais à identidade urbana de Rio Grande, estabelecendo uma relação contínua entre cidade e ecossistema.

manzuá



Foto 1



Foto 2



Foto 3

*Uma sereia que também é sirene: aquele som agudo que machuca e ativa.
Mas que igualmente pode cantar um canto inebriante, doce, suave... sereno.*

manzuá



Foto 4

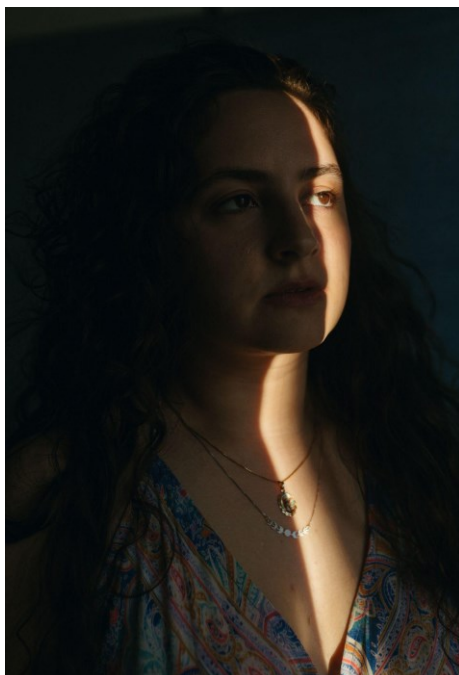


Foto 5



Foto 6

Escutar a concha virou um gesto de reconexão. Meditação improvisada.



Foto 7



Foto 8



Foto 9

manzuá

Eu me giro, fecho os olhos, escuto.

*Me visto de tecido leve, ofereço meu cabelo, meu sagrado, e deixo o corpo guiar o
que vem. Terapia sensorial.*



Foto 10



Foto 11



Foto 12

manzuá

E também um jogo de sobrevivência poética.

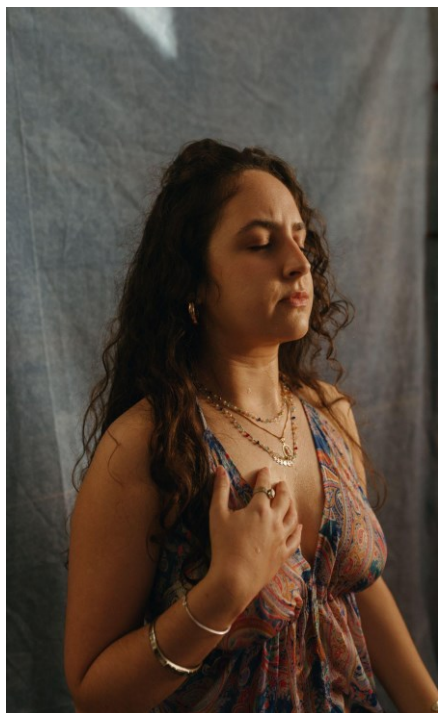


Foto 13

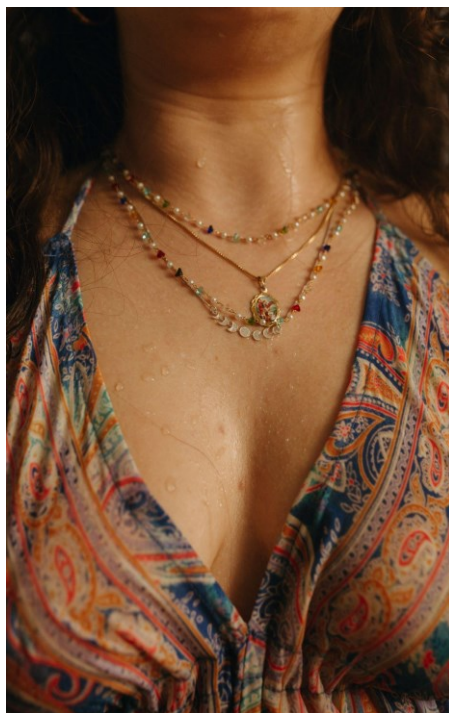


Foto 14

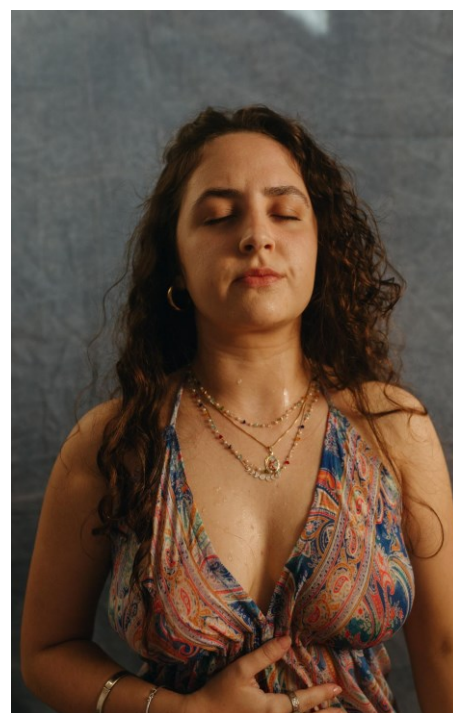


Foto 15

manzuá

Me visto de sentimento, de água, maresia inconstante de vida que sou e me movimento no fluxo da correnteza, leve.

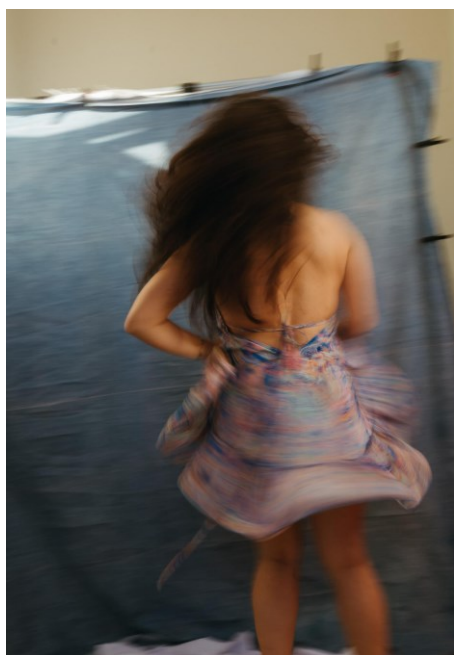


Foto 16



Foto 17



Foto 18

Corpo D'água é um ensaio performático que se alimenta não apenas de referências artísticas, mas do que carrego em mim como pesquisadora — do que ficou gravado e observado em olhos, ouvidos e pele junto à água. É memória de sereias que sussurram entre ondas, de velas brancas e azuis aninhadas em buracos na areia, de desejos lançados nas marés, histórias de mães que falam em gestos e cuidados, vozes que se misturam ao silêncio e me ensinaram a me comunicar por outros meios.

Este trabalho é também um ritual. Um gesto que busca reencontrar o eixo, firmar-se no próprio corpo e na própria escuta. É a afirmação de que este corpo d'água é lugar de criação, de fé, de existência — um território onde memória,

percepção e afetos se entrelaçam, e onde cada gesto performativo se torna ponte entre o visível e o invisível, entre o íntimo e o coletivo. Ao tocar a água, ao sentir sua densidade e seu ritmo, reencontro um espaço de reinvenção, de abertura ao mundo, de celebração daquilo que insiste em fluir dentro e fora de mim.

Referências

CLARK, Lygia. *Lygia Clark: catálogo raisonné*. Rio de Janeiro: Associação Cultural O Mundo de Lygia Clark, 2004.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia: práticas autobiográficas em arte e poéticas de (auto)localização. In: Anais do 26º Encontro Nacional da ANPAP, 2017. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf. Acesso em: 19 fev. 2025.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. *Cartografias autobiográficas: autobiogeografias como metodologias de pesquisa e criação em artes visuais*. 2021. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

Links de acesso:

<https://portal.lygiaclark.org.br/>

<https://fcs.mg.gov.br/fotoperformance-e-o-hibridismo-de-linguagens-nos-trabalhos-de-marcela-tiboni/>

<https://dannybittencourt.com/interesse/fotoperformance/>